

Arquivo pessoal



Como mulher, eu me incomodo com a violência. Eu me incomodo ao assistir um jornal e ver o que está acontecendo. Eu acho que nós, como estudantes, ainda mais em uma universidade pública, devemos devolver um pouco do nosso conhecimento.

Mariana Veras de Oliveira Sales, aluna da UnB

A parceria entre Mariana, a professora Josivania e Lucas resultou na criação de uma plataforma digital inédita para mapear a rede apoio

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Mariana escolheu os ODS 5 (Igualdade de Gênero) e 16 (Paz e Justiça) e enfrentou resistência: uma colega perguntou se ela havia sofrido violência ao definir o tema. “A gente não precisa estar diretamente envolvido na violência para querer ajudar. Se a gente não trabalhar para melhorar as políticas públicas, quem é que vai?”, responde a estudante, que trabalhou em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) pelo programa Jovem Aprendiz.

Depois de conhecer Lucas na parada de ônibus, Mariana o convidou a construir o protótipo. Na véspera da entrega, os dois passaram a madrugada montando as telas. Ganharam o prêmio de melhor inovação da turma.

O problema

Embora o DF possua uma das redes de atendimento à mulher mais bem estruturadas do país, a capital registrou 28 feminicídios em 2025, segundo a Secretaria de Segurança Pública (SSP-DF), o que corresponde a uma taxa de 1,8 por 100 mil habitantes, acima da média nacional. No mesmo ano, foram 131 tentativas: uma mulher atacada a cada três dias, o que representa um aumento de 21,1% em relação a 2024.

O Policiamento de Prevenção Orientada à Violência Doméstica e Familiar (PROVID), da PM-DF,

atendeu cerca de 115 mil mulheres desde 2019. O Viva Flor, do GDF, funciona como um botão de pânico para quem já tem medida protetiva. Esses serviços, porém, dependem de um passo anterior: a mulher precisa entrar no sistema formal. Segundo o Panorama de Violência Contra a Mulher do DF, 69,1% das vítimas de feminicídio na capital não haviam registrado ocorrência contra o agressor.

“A mulher que vive uma situação de violência muitas vezes não sabe a quem recorrer, quais serviços estão disponíveis ou mesmo como identificar determinadas condutas como formas de violência”, afirma, em nota, o PROVID do 1º Batalhão da PM-DF. É nesse intervalo, entre a percepção do risco e a decisão de buscar ajuda, que o AMPIS pretende atuar, com triagem por inteligência artificial, mapeamento atualizado da rede e encaminhamento para orientação jurídica e apoio psicológico.

O feedback

A primeira articulação institucional do grupo foi com o Provid, há pouco mais de um ano. A equipe considerava incluir funcionalidades relacionadas a torçozeleiras eletrônicas. Os policiais redirecionaram o foco. “Na internet há muitos dados desatualizados e muita dificuldade em encaminhar mulheres a outros locais de atendimento, de acordo com as necessidades de cada uma”, relata Lucas.

O mapeamento da rede passou a ser uma das funcionalidades centrais do aplicativo.

A partir dali, o grupo foi encaminhado à Reunião de Redes do DF e convidado pela Secretaria da Mulher do DF para duas reuniões dedicadas ao projeto. A subsecretária Luana Maia e servidores da pasta contribuíram para o conceito do violentômetro, instrumento que classifica os níveis de agressão e foi incorporado à triagem do aplicativo.

Na UnB, além de Josivania, hoje vice-coordenadora do acordo, o projeto conta com o professor Antônio Nascimento Júnior, do Departamento de Administração, como coordenador, e a professora Carla Koike, do Departamento de Ciência da Computação, como supervisora técnica. O trabalho de conclusão de curso de Mariana, orientado por Nascimento Júnior, é um estudo de caso sobre o AMPIS. “É um exemplo de como uma atividade acadêmica pode ultrapassar a sala de aula e transformar-se em uma solução com potencial para gerar valor à sociedade”, avalia Josivania.

Como funciona

O AMPIS prevê quatro funcionalidades principais. A primeira é uma triagem por inteligência artificial que combina um questionário guiado com um diálogo em linguagem natural para ajudar a usuária a identificar o tipo e o nível de violência que pode estar

vivenciando. A segunda é o mapeamento da rede de atendimento do DF, com dados atualizados de endereços, telefones e horários de funcionamento.

A terceira é o encaminhamento para orientação jurídica e apoio psicológico, com prioridade para a rede pública e para os núcleos de prática jurídica. A quarta é a arquitetura de privacidade, baseada no princípio de Privacy by Design e na Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

O protótipo funciona no ambiente de desenvolvimento e roda em um emulador de celular. O modelo de inteligência artificial ainda não foi definido: a equipe avaliará opções de código aberto e ferramentas comerciais na fase final de testes. O aplicativo não está disponível nas lojas digitais. A previsão de lançamento é para o segundo semestre de 2027.

“Mais importante do que lançar rapidamente é construir uma solução segura, sustentável e efetivamente útil para as mulheres”, pondera Josivania.

O cenário

O AMPIS soma-se a iniciativas como o PenhaS (AzMina), o Maria da Penha Virtual (Direito Ágil/UFRJ) e o Todas por Uma. Em 29 de julho, o governo federal instituiu o Sistema Integrado Mulher Segura, plataforma para reunir dados sobre violência de todos os entes federativos, e regulamentou o monitoramento eletrônico de agressores.

“Nenhuma instituição, isoladamente, tem todas as respostas para um fenômeno tão complexo quanto a violência doméstica. A tecnologia, por si só, não resolve. Mas, quando construída a partir do diálogo com as instituições e com a realidade das vítimas, pode se tornar mais uma porta de acesso à informação e ao auxílio”, avalia, em nota, o PROVID do 1º Batalhão.

“Sentiu-se abraçada”

Após a aparição do grupo na TV Globo, a avó de Lucas ligou para contar o que sentiu ao ver o neto no telejornal. “Ela falou que se sentiu tão feliz ao saber que também havia um homem preocupado com a situação das mulheres. Naquele momento, disse que se sentiu muito abraçada”, relata o estudante. “Para mim, é um privilégio participar de um projeto desses. Eu tenho mãe, irmã, tia, prima e, de certa forma, contribuo para que a vida delas seja melhor”, completa.

Para Mariana, o incômodo é o motor. “Como mulher, eu me incomodo com a violência. Me incomodo ao assistir a um jornal e ver o que está acontecendo. Nós, como estudantes, ainda mais em uma universidade pública, temos que devolver um pouco do nosso conhecimento à sociedade”, conclui.

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**